

A EDUCAÇÃO SEGUNDO PAULO FREIRE: UMA PRIMEIRA ANÁLISE FILOSÓFICA

THE EDUCATION ACCORDING TO PAULO FREIRE: A FIRST PHILOSOPHICAL APPROACH

José Junio Souza da Costa¹

RESUMO:

Neste artigo realiza-se um estudo introdutório das ideias educacionais de Paulo Freire. A pesquisa foi exclusivamente de caráter bibliográfico. Buscou-se responder à pergunta “o que é educação, para Paulo Freire?” e foram feitas análises iniciais das respostas encontradas. Para Freire, há duas definições de educação: uma geral e outra específica. A geral é: educação é uma concepção filosófica e/ou científica acerca do conhecimento colocada em prática. A específica depende da concepção de conhecimento freireana: o conhecimento é um processo social criado por meio da ação-reflexão transformadora dos humanos sobre a realidade. A definição de educação específica de Freire é: educação é o processo constante de criação do conhecimento e de busca da transformação-reinvenção da realidade pela ação-reflexão humana. Segundo Freire, há duas espécies gerais de educação: a educação dominadora e a educação libertadora. A dominadora apenas descreveria a realidade e transferiria conhecimento; a libertadora seria ato de criação do conhecimento e método de ação-reflexão para a transformação da realidade. Os textos de Paulo Freire, como expressão da educação libertadora, teriam a finalidade de criar o conhecimento e de transformar-reinventar a realidade por meio da ação-reflexão do próprio Freire, da qual os textos seriam manifestação.

Palavras-chave: Paulo Freire, Educação, Filosofia.

ABSTRACT:

In this paper, we perform an introductory study of educational ideas of Paulo Freire. The research was bibliographical exclusively. We attempted to answer the question "what is education for Paulo Freire?", and initial analyzes of the answers obtained were made. For Freire, there are two definitions of education: general and one specific. The general is: education is a philosophical conception and / or scientific about knowledge put into practice. The specific depends on the Freire's conception of knowledge: knowledge is a social process created by human transforming action-reflection about reality. The Freire's specific definition of education is: education is the constant process of knowledge creation and pursuit of transformation-reinvention of reality by human action-reflection. According to Freire, there are two general types of education: the domineering education and liberating education. The domineering only would describe the reality and would transfer knowledge; the liberating would act of knowledge creation and action-reflection method for the transformation of reality. The Paulo Freire's texts, as an expression of liberating education, would have the purpose of creating knowledge and transform-reinvent reality through action-reflection of Freire himself, from which the texts would be manifestation.

Keywords: Paulo Freire, Education, Philosophy.

¹Especialista em Docência do Ensino Superior pela UCDB/Portal Educação. Graduado em Filosofia (licenciatura) pela UFAM. E-mail: josejuniosdc@hotmail.com.

Paulo Freire é, sem dúvida, o teórico da educação brasileiro mais respeitado em nosso meio acadêmico, principalmente nas faculdades de educação e pedagogia e nos departamentos dos cursos de licenciatura. Não há quem passe por esses cursos sem receber, pelo menos, uma aula sobre suas ideias pedagógicas e políticas. Alunos de outros cursos – de bacharelado, tecnológicos, de ciências etc. – não concluem a graduação sem, no mínimo, ter ouvido falar o nome dele. Para muitos professores, Paulo Freire é um verdadeiro oráculo, um guia infalível para a solução de qualquer problema pedagógico, embora tais professores não reconheçam publicamente essa condição oracular freireana em relação a eles. Quando almejam criticar a chamada “pedagogia tradicional” e exaltar a tão sonhada “pedagogia crítica”, sempre citam o nome do referido teórico. Além disso, ainda há aqueles que defendem e/ou praticam muitas ideias de Paulo Freire sem nem mesmo saber que o fazem, por pura repetição do que viram, ouviram e vivenciaram em suas experiências acadêmicas anteriores, especialmente como alunos. Até mesmo os que não concordam com suas ideias, em sua maioria, não ousam criticá-lo publicamente e explicitamente.

Assim, em virtude da grande importância dada no meio acadêmico brasileiro à obra de Paulo Freire, justifica-se a realização de um estudo mais cuidadoso sobre essa mesma obra. As ideias de um autor tão respeitado e valorizado não podem deixar de ser objeto de análise. Porém, aqui há um problema: já foram publicados numerosos trabalhos sobre as ideias pedagógicas de Paulo Freire e, por isso, estudar novamente esse tema poderia ser considerado como algo repetitivo e, mesmo, desnecessário. No entanto, o fato de que a maioria dessas publicações seja constituída de verdadeiras apologias das ideias freireanas, algumas vezes beirando a panfletagem, ressalta a necessidade da continuação dos estudos sobre o tema. Neste trabalho, o estudo das ideias de Paulo Freire será realizado de modo inicial, introdutório, já que buscaremos identificar e analisar os significados mais elementares das concepções educacionais do mencionado autor.

No texto *Desafios da educação de adultos ante a nova reestruturação tecnológica*, Paulo Freire (2003, p.40) afirma que “A educação é sempre uma certa teoria do conhecimento posta em prática [...]”. Numa primeira apreciação, podemos entender que, com essa afirmação, Freire está dizendo que a educação sempre é um determinado conjunto de ideias relativas ao conhecimento sendo praticadas. Mas, para alcançarmos um entendimento mais aprofundado do significado dessa afirmação de Paulo Freire, é necessário que saibamos o que é teoria do conhecimento e, para isso, precisamos saber primeiro o que é teoria. Por isso,

vejamos inicialmente algumas definições do termo “teoria” e, depois, procuremos compreender melhor a expressão “teoria do conhecimento”. Com isso, poderemos obter uma compreensão mais exata da definição de educação presente naquela afirmação de Freire.

José Ferrater Mora (1964, Tomo II, p.776, tradução nossa), em seu *Diccionario de Filosofía*, diz que “O significado primário do vocábulo ‘teoria’ é contemplação [...]” e que “Podemos, assim, definir a teoria como uma visão inteligível ou uma contemplação racional [...]”. Diz também que “Hoje em dia, com efeito, teoria designa uma construção intelectual que aparece como resultado do trabalho filosófico ou científico (ou ambos)”.

No *Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais*, de Mario Ferreira dos Santos (2008, p.1346), a palavra teoria é definida nos seguintes termos:

Teoria, em gr., significa a visão que conexiona fatos. É uma construção especulativa do espírito, que liga as consequências a princípios que revelam leis, que ligam os fatos ou as ideias, ou os explicam. Opõe-se a prática, pois esta não é especulativa, não é conexonadora dos objetos em estudo. A teoria estuda os fatos e os conexiona com suas causas desinteressadamente, isto é, sem aplicação prática.

Com base nas definições apresentadas por esses dois autores, podemos dizer que teoria é algo especulativo, intelectual, inteligível, racional, sistemático, e que diz respeito a princípios, a fundamentos. Uma teoria seria resultado de um trabalho do espírito, do intelecto, da inteligência, da razão. Logo, uma teoria do conhecimento seria uma construção especulativa, intelectual, uma elaboração inteligível, racional, ou mesmo uma sistematização doutrinária, filosófica e/ou científica referente ao conhecimento; ela pretenderia expressar os princípios, os fundamentos do conhecimento. Em outras palavras, uma teoria do conhecimento almejaria, dentre outras coisas, expor uma definição de conhecimento, ou seja, desejaria dizer o que é o conhecimento.

Avancemos em nosso estudo e observemos o que dizem aqueles mesmos dois autores sobre a expressão “teoria do conhecimento”.

Para José Ferrater Mora (1964, Tomo I, p.339, tradução nossa), “Teoria do conhecimento é uma disciplina filosófica a qual pertencem perguntas como: O que é o conhecimento? Em que se funda o conhecimento? Como é possível o conhecimento?” Mario Ferreira dos Santos (2008, p.1349) confirma e complementa essas ideias ao dizer que a teoria do conhecimento “É a explicação e a interpretação filosófica do conhecimento humano, a qual

se dedica ao estudo da possibilidade do conhecimento, como se processa, seu alcance, seus limites, e suas possibilidades futuras”.

Portanto, para os referidos autores, teoria do conhecimento é, em primeiro lugar, uma disciplina do campo da Filosofia. Como elemento do universo filosófico, estudaria a abrangência da capacidade humana de conhecer e os requisitos para validação do conhecimento, investigando as origens, o alcance e a importância dele. Por isso, essa disciplina filosófica teria como propriedade determinadas perguntas acerca da essência, do fundamento e da possibilidade do conhecimento. Assim, a teoria do conhecimento buscaria um esclarecimento, uma compreensão mais profunda, um entendimento mais claro a respeito do conhecimento, explicando-o e interpretando-o filosoficamente, ou seja, buscaria um conhecimento sobre o conhecimento.

Munidos de todas essas informações sobre o termo “teoria” e sobre a expressão “teoria do conhecimento”, observemos novamente aquela definição de educação apresentada por Paulo Freire (2003, p.40): “A educação é sempre uma certa teoria do conhecimento posta em prática [...]”. Assim, educação seria uma concepção filosófica e/ou científica acerca do conhecimento colocada em prática. Alguém que praticasse uma concepção de conhecimento estaria “fazendo” educação. Educar seria promover a prática de uma teoria sobre o conhecimento. Portanto, toda ação com propósitos educacionais estaria necessariamente fundamentada em uma convicção acerca do conhecimento. A base de qualquer teoria educacional seria uma teoria do conhecimento, ou seja, seria necessário responder à pergunta *o que é o conhecimento?* antes da elaboração e da prática de uma teoria sobre a educação.

Se aceitarmos a definição de educação dada por Paulo Freire, poderemos concluir que a concepção de educação dele consiste na prática da teoria do conhecimento por ele defendida. Qual seria, então, a teoria do conhecimento de Paulo Freire? Como ele respondeu à pergunta *o que é o conhecimento?*

No escrito *Algumas notas sobre humanização e suas implicações pedagógicas*, Paulo Freire (2003, p.79) diz que “[...] o conhecimento é processo que implica na ação-reflexão do homem sobre o mundo”. Após uma primeira leitura dessa definição, já podemos identificar que, para Freire, o conhecimento é, em primeiro lugar, um *processo*. Este processo envolveria ação e reflexão sobre o mundo, realizadas pelo ser humano. Mas, no que consistiria esse processo de ação-reflexão sobre o mundo? Que tipos de ação e de reflexão o homem realizaria

sobre o mundo para tornar concreto esse processo que Freire chama de conhecimento? O que seria esse “mundo”?

No texto *O processo da alfabetização política: uma introdução*, Paulo Freire (2003, p.72) afirma que “[...] o conhecimento envolve a constante unidade entre ação e reflexão sobre a realidade.” Também nesse trecho, Freire fala de ação e reflexão envolvidas no processo que ele denomina conhecimento. Nesse processo, ação e reflexão formariam uma unidade permanente, ou seja, estariam sempre juntas; não haveria ação sem reflexão e nem reflexão sem ação. Porém, dessa vez, ele não usa o termo “mundo” para se referir àquilo sobre o que recai o que ele chama “ação-reflexão”; utiliza para isso o termo “realidade”. Por isso, podemos dizer que, segundo Freire, agir-refletir sobre o “mundo” e agir-refletir sobre a “realidade” significam a mesma coisa; mundo e realidade seriam sinônimos. Em todo conhecimento estariam envolvidas, implicadas, subentendidas a ação e a reflexão sobre a realidade (mundo), ambas formando uma unidade permanente, uma união harmônica ininterrupta.

Em uma entrevista concedida ao Instituto de Ação Cultural de Genebra, em 1973, sob o título *Conscientização e libertação: uma conversa com Paulo Freire* (2003, p.111), este autor disse que “[...] o conhecimento não é algo dado e acabado, mas um processo social que demanda a ação transformadora dos seres humanos sobre o mundo.” Nesta passagem, Freire acrescenta à sua definição de conhecimento a palavra “social”, isto é, conhecimento não seria somente processo, mas processo social, processo que diz respeito à sociedade. Esse processo não apenas envolveria ação, mas a exigiria. Tal ação é aqui especificada: seria a ação modificadora dos humanos sobre a realidade (mundo). E quanto à reflexão? Bem, no trecho que agora analisamos, Freire não fala de reflexão, mas, como vimos anteriormente, não haveria, segundo o referido autor, ação sem reflexão e nem reflexão sem ação, pois ambas formariam uma unidade permanente. Portanto, o conhecimento seria um processo social que exigiria a ação-reflexão transformadora dos humanos sobre a realidade.

Na mesma entrevista, Paulo Freire (2003, p.114) ainda afirmou que “Conhecimento [...] não se transfere, se cria, através da ação sobre a realidade”. O conhecimento não seria transferível, mas criável. Tal criação ocorreria por meio da ação sobre a realidade. Segundo consta nas citações anteriores, essa ação estaria em constante unidade com a reflexão e teria um caráter transformador. Por meio da ação-reflexão transformadora é que se criaria esse

processo social que Freire chama de conhecimento. Agindo e refletindo sobre o mundo (realidade), de maneira transformadora, é que os humanos criariam o conhecimento. Esse processo social (conhecimento) exigiria tal ação-reflexão justamente porque seria esta mesma ação-reflexão que o criaria, sendo ela o motor desse processo. Com isso, poderíamos reescrever a definição freireana de conhecimento com as seguintes palavras: *o conhecimento é um processo social criado por meio da ação-reflexão transformadora dos humanos sobre a realidade*. Esta definição seria a expressão sintética da teoria do conhecimento de Paulo Freire.

Como já observamos, Paulo Freire (2003, p.40) acreditava que “A educação é sempre uma certa teoria do conhecimento posta em prática [...]”. A educação defendida por Freire seria a teoria do conhecimento dele colocada em prática, ou seja, a teoria do conhecimento freireana, quando praticada, realizaria a concepção freireana de educação. Por isso, a concepção freireana de educação dependeria da concepção freireana de conhecimento, isto é, da sua teoria do conhecimento. Sendo assim, como colocar em prática essa teoria do conhecimento para que, com isso, a educação freireana se concretize?

Colocar em prática uma teoria significa agir de acordo com o que essa teoria diz. E o que diz a teoria do conhecimento freireana? Conforme a sintetizamos, ela afirma ser o conhecimento um processo social, o qual seria criado pela ação-reflexão transformadora dos seres humanos sobre a realidade. Portanto, agir-refletir sobre a realidade com o propósito de transformá-la e visando criar um processo social que seria o conhecimento, isso é que significaria por em prática a teoria do conhecimento elaborada por Paulo Freire, prática essa que, por sua vez, realizaria a concepção freireana de educação. Logo, educação seria criação do conhecimento como processo social resultante da ação-reflexão humana para a transformação da realidade.

No escrito *Educação e esperança*, Paulo Freire (2003, p.52) diz: “Seria uma agressiva contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse num permanente processo de esperançosa busca. Este processo é a educação.” Assim, educação também seria um processo, a saber, um processo permanente de “esperançosa busca”. Não seria um processo inconstante, mas estável, persistente, no qual o ser humano estaria inserido. Nesse processo (educação) haveria busca e esperança de se alcançar o que é buscado. Portanto, a educação, isto é, a criação do conhecimento como processo social resultante da

ação-reflexão humana para a transformação da realidade seria um processo constante de busca com esperança. Mas, busca pelo quê? Ora, segundo o que foi afirmado sobre a educação freireana, primeiramente podemos dizer que se trata da busca da transformação da realidade por meio da ação-reflexão humana que, por sua vez, criaria o conhecimento como processo social; tudo isso seria realizado por um ser consciente de seu “inacabamento” – o ser humano – que, por isso, se envolveria nesse processo chamado educação. De acordo com o próprio Freire (2003, p.53), “[...] a conscientização, como a educação, é um processo específica e exclusivamente humano”.

Na obra *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire (2006, p.61) acrescenta que, “[...] como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo.” Novamente a educação é citada como algo particularmente humano e como um modo de interferir na realidade, o que combina com a ideia de ação-reflexão humana para a transformação do mundo.

No texto *Primeiras Palavras*, Paulo Freire (2003, p.10) afirma que a “[...] educação [...] é um fator fundamental na reinvenção do mundo.” Neste trecho, Freire não diz “intervenção no mundo”, mas “reinvenção do mundo”. Assim, a educação não só interferiria na realidade, mas também seria fundamental para reinventá-la. A interferência da educação na realidade seria no sentido de recriá-la. Sem a educação, a realidade não poderia ser inventada novamente. Ao dizer isso, Freire está também dizendo que a realidade é algo inventado, pois para que se reinvente algo é necessário que esse algo já tenha sido inventado antes; e o elemento básico para se criar novamente a realidade seria a educação.

A partir do que já estudamos até aqui, podemos dizer que, para Paulo Freire, a educação é um processo constante de criação do conhecimento. Esse processo seria um modo de intervenção na realidade e um elemento basilar para recriá-la. Em tal processo, haveria a busca contínua da transformação da realidade por meio da ação-reflexão humana. Esta criaria o conhecimento, o qual seria um processo social. Desse modo, a educação freireana teria dois objetivos básicos: a criação do conhecimento e a transformação-reinvenção da realidade. Com efeito, o conhecimento seria produto ou resultado da ação-reflexão humana para a transformação ou reinvenção da realidade. O processo constante de busca da transformação-reinvenção da realidade por meio da ação-reflexão humana seria o próprio ato de criação do conhecimento, isto é, a educação.

Segundo Paulo Freire (2003, p.40), “A educação [...] é naturalmente política, tem que ver com a pureza, jamais com o puritanismo e é em si uma experiência de boniteza.” O caráter político seria parte constituinte da natureza da educação, ou seja, esta possuiria uma dimensão política intrínseca. A educação também estaria relacionada com o âmbito moral, mas não com práticas e/ou ideias puritanas. Além disso, seria essencialmente uma experiência estética. Com isso, Freire está dizendo que a educação atinge três setores importantes da vida humana: o político, o moral e o estético.

No escrito *De falar ao educando a falar a ele e com ele...*, Paulo Freire (2004, p.58) diz que “[...] a educação é um ato político.” Novamente, Freire associa a educação ao campo político: ela seria uma ação, uma atitude, uma prática política. Portanto, a educação, isto é, o processo constante de criação do conhecimento e de busca da transformação-reinvenção da realidade pela ação-reflexão humana seria um processo político.

Para Paulo Freire (2003, p.10), a educação, “Como processo de conhecimento, formação política, manifestação ética, procura da boniteza, capacitação científica e técnica, [...] é prática indispensável aos seres humanos e deles específica na História como movimento, como luta.” Nesta passagem, Freire apresenta mais uma vez a educação como “processo de conhecimento”. Ele também destaca o caráter político que vê na educação chamando-a de “formação política”. O domínio moral da educação freireana é lembrado com a expressão “manifestação ética”, e o âmbito estético, é evocado, com a frase “procura da boniteza”. Educação seria, ainda, habilitação científica e técnica, ou seja, capacitaria o educando para a prática da ciência e para os estudos e trabalhos tecnológicos. Além disso, a educação seria uma atividade imprescindível aos humanos e pertenceria a eles de modo específico: “na História como movimento, como luta”. Assim, a História, segundo Freire, seria dinâmica, dotada de mobilidade, de mudança, seria luta, empenho, esforço, conflito. Destarte, o processo constante de criação do conhecimento e de busca da transformação-reinvenção da realidade pela ação-reflexão humana, além de ser um processo político, seria uma prática específica dos humanos no “movimento” e na “luta” próprios da História conforme a concepção freireana.

Dando continuidade a nosso estudo, examinemos agora algumas particularidades da educação conforme o pensamento freireano.

No escrito *Os camponeses e seus textos de leitura*, Paulo Freire (2003, p.20) assevera que “A educação, qualquer que seja o nível em que se dê, se fará tão mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento desta necessidade radical dos seres humanos, a de sua expressividade.” Os seres humanos possuiriam uma necessidade radical: a expressividade. Essa necessidade poderia ter seu desenvolvimento estimulado pela educação. Esta se daria em níveis distintos e poderia ser medida, quanto a sua veracidade, conforme o grau de estímulo que ela ofereça ao desenvolvimento da expressividade humana. Por isso, a educação verdadeira seria aquela que impulsiona, que promove, que incentiva a expressão humana.

No escrito *A alfabetização de adultos* – crítica de sua visão ingênua; compreensão de sua visão crítica, Paulo Freire (2003, p.15) declara que “[...] a compreensão da unidade da prática e da teoria, no domínio da educação, demanda a compreensão, também, da unidade entre a teoria e a prática social que se dá numa sociedade.” Para compreendermos a unidade entre prática e teoria no campo educacional, é necessário, segundo Freire, compreendermos também essa mesma unidade entre prática e teoria no campo social. Haveria, portanto, além de tal unidade, a possibilidade de compreendê-la. Novamente, o citado autor afirma a unidade entre teoria e prática, tanto na educação quanto no âmbito da sociedade como um todo. O entendimento dessa propriedade da educação (unidade teoria-prática) exigiria um entendimento sociológico anterior.

Para Paulo Freire (2003, p.15), “Uma coisa, pois, é a unidade entre prática e teoria numa educação orientada no sentido da libertação, outra é a mesma unidade numa forma de educação para a ‘domesticação’”. Existiriam duas espécies gerais de educação: aquela que seria direcionada para a “libertação”, e outra dirigida para a “domesticação”. Nos dois tipos, haveria a unidade entre prática e teoria, mas de modo distinto.

De acordo com Paulo Freire (2003, p.73), “[...] enquanto na educação domesticadora há uma necessária dicotomia entre os que manipulam e os que são manipulados, na educação para a libertação não há sujeitos que libertam e objetos que são libertados. Neste processo não pode haver dicotomia entre seus pólos.” A educação “domesticadora” teria, necessariamente, uma polarização dicotômica (manipuladores e manipulados), enquanto que a educação “para a libertação” possuiria uma polarização não-dicotômica: a libertação se daria nos dois polos.

Paulo Freire (2003, p.73-4) acreditava que “[...] a educação para a ‘domesticação’ é um ato de transferência de ‘conhecimento’, enquanto a educação para a libertação é um ato de

conhecimento e um método de ação transformadora que os seres humanos devem exercer sobre a realidade.” Tanto a educação “domesticadora” quanto a educação “libertadora” seriam atos. A primeira transferiria “conhecimento”; a segunda seria “ato de conhecimento”. Os seres humanos teriam o dever de agir de modo transformador sobre a realidade, e um método a ser utilizado por esses seres para tal transformação seria a educação.

Paulo Freire (2003, p.75) diz mais: “[...] a educação como pura exposição de fatos, como transferência de valores abstratos, da herança de um saber casto, tudo isso são crenças que a consciência ingênua do ‘analfabeto’ político sempre proclama.” O “analfabeto” político possuiria uma consciência ingênua, a qual sempre proclamaria determinadas crenças, a saber, a de que a educação seria mera exposição de fatos e simples transferência de princípios abstratos e do legado de um conhecimento imaculado. Em seguida, Paulo Freire (2003, p.75) adverte:

[...] se não superarmos a prática da educação como pura transferência de um conhecimento que somente descreve a realidade, bloquearemos a emergência da consciência crítica, reforçando assim o “analfabetismo” político.

Temos de superar esta espécie de educação – se nossa opção é realmente revolucionária – por uma outra, em que conhecer e transformar a realidade são exigências recíprocas.

O “analfabetismo” político seria reforçado com o bloqueio da manifestação da “consciência crítica”. Essa manifestação seria bloqueada por causa da não superação da prática educativa que meramente transfere um conhecimento descritivo da realidade. Esse tipo de educação impediria o surgimento dessa “consciência crítica” e favoreceria o “analfabetismo” político. A escolha verdadeiramente revolucionária exigiria a superação desse modelo educacional por outro, no qual conhecimento e transformação da realidade se exigiriam mutuamente.

Em outra passagem, explicando mais uma vez a diferença entre aqueles dois tipos de educação, Paulo Freire (2003, p.80) escreve que “[...] uma das radicais diferenças entre a educação como tarefa dominadora, desumanizante, e a educação como tarefa humanizante, libertadora, está em que a primeira é um puro ato de transferência de conhecimento, enquanto a segunda é ato de conhecer.” Entre esses dois modelos de educação haveria diferenças radicais. A educação “libertadora” seria – como já dito – ato de conhecer; a “domesticadora”, ato transferidor de conhecimento. Ambas seriam tarefas: uma, libertadora, humanizante; outra, dominadora, desumanizante.

No escrito *O papel educativo das Igrejas na América Latina*, Paulo Freire (2003, p.89) explica:

A educação libertadora [...] é a que se propõe, como prática social, a contribuir para a libertação das classes dominadas. Por isso mesmo, é uma educação política, tão política quanto a que, servindo às classes dominantes, se proclama, contudo, neutra. Daí que uma tal educação não possa ser posta em prática, em termos sistemáticos, antes da transformação revolucionária da sociedade.

A educação libertadora só poderia ser colocada em prática de forma sistemática depois da “transformação revolucionária da sociedade”. Primeiro deveria ocorrer tal transformação social para somente então ser praticada sistematicamente aquela educação. Haveria “classes dominadas”, cuja libertação poderia ser alcançada com a contribuição da educação libertadora, a qual seria uma educação política e uma prática social. Haveria também “classes dominantes”, as quais seriam servidas por outro tipo de educação, igualmente política, e autodeclarada neutra.

No mesmo escrito, Paulo Freire (2003, p.94) assinala que, “Numa sociedade de classes, são as elites do poder, necessariamente, as que definem a educação e, conseqüentemente, seus objetivos. E estes objetivos não podem ser, obviamente, endereçados contra os seus interesses.” As “elites do poder” definiriam, em uma “sociedade de classes”, a educação e os objetivos desta. Tais objetivos não poderiam ser contrários aos interesses dessas elites. Paulo Freire (2003, p.102-3) continua, dizendo que:

Naturalmente, numa linha profética, a educação se instauraria como método de ação transformadora. Como práxis política a serviço da permanente libertação dos seres humanos, que não se dá, repitamos, nas suas consciências apenas, mas na radical modificação das estruturas em cujo processo se transformam as consciências.

Outra vez a educação é classificada como “método de ação transformadora”, mas num nível profético, sendo isso próprio de sua natureza. A educação estaria a serviço da “permanente libertação” dos humanos, como “práxis política”. Essa libertação se daria na “radical modificação das estruturas”. Nesse processo de transformação estrutural é que as consciências seriam modificadas e libertas, ou seja, seria o processo modificador que transformaria as consciências e não a transformação das consciências que produziriam o processo de transformação.

No texto *Algumas notas sobre conscientização*, Paulo Freire (2003, p.118) assegura que “[...] não é a educação que forma a sociedade de uma certa maneira, mas a sociedade que,

formando-se de uma certa maneira, constitui a educação de acordo com os valores que a norteiam.” A educação seria constituída conforme os valores que norteiam a sociedade. A forma da sociedade é que determinaria a constituição educacional dessa mesma sociedade, segundo seus princípios de valor. A educação não formaria a sociedade: a sociedade é que formaria a sua educação. Finalizando este estudo, vejamos agora a concepção freireana de educação na visão de alguns autores.

Moacir Gadotti (2003, p.4) diz que “A mudança de uma sociedade de oprimidos para uma sociedade de iguais e o papel da educação – da conscientização – nesse processo de mudança é a preocupação básica da pedagogia de Paulo Freire”. A pedagogia de Paulo Freire teria uma preocupação básica, a saber, mudar a sociedade, transformando-a em uma “sociedade de iguais”, e estabelecer o papel da educação nessa transformação. A pedagogia de Paulo Freire seria, portanto, uma pedagogia política, de ação sobre a realidade social, de “conscientização”. Porém, Gadotti (2003, p.5) ressalta que, para Paulo Freire, a educação por si mesma não conduz uma sociedade a “se libertar da opressão”:

Evitando querelas políticas ele [Paulo Freire] tenta aprofundar e compreender o pedagógico da ação política e o político da ação pedagógica, reconhecendo que a educação é essencialmente um ato de conhecimento e de conscientização e que, por si só, não leva uma sociedade a se libertar da opressão.

A ação política teria uma característica pedagógica e a ação pedagógica teria uma característica política, as quais Paulo Freire tentaria aprofundar e compreender. Ele reconheceria como essência da educação o ser ato de conhecimento e de conscientização. No entanto, só a educação não produziria a libertação social em relação à opressão, embora tenha, segundo o comentário de Gadotti, um papel importante nesse “processo de mudança” de uma “sociedade de oprimidos” para uma “sociedade de iguais”.

Gadotti (2003, p.6) enfatiza a sua visão do caráter político da pedagogia freireana ao dizer que “Depois de Paulo Freire ninguém mais pode ignorar que a educação é sempre um ato político. [...] Ela sempre foi política. Ela sempre esteve a serviço das classes dominantes. Este é um princípio de que parte Paulo Freire [...]”. A educação seria sempre um ato; mas, não qualquer ato: seria sempre um “ato político”. Ela sempre seria e sempre teria sido política. Ela sempre teria estado a serviço das “classes dominantes”. Este seria um princípio, um ponto de partida a partir do qual Paulo Freire desenvolveria suas ideias pedagógicas.

Francisco Weffort (2009, p.19) acrescenta que “a grande preocupação de Paulo Freire é a mesma de toda a pedagogia moderna: ‘uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política’”. A preocupação de toda a pedagogia moderna estaria presente também na obra de Paulo Freire, constituindo sua “grande preocupação”. Essa preocupação pedagógica moderna (e de Paulo Freire) seria a realização de certo tipo de educação: para a “decisão”, que seria o mesmo que uma educação para a “responsabilidade social e política”.

Antônio Joaquim Severino (2003, p.7) apresenta, mais claramente, a mesma tese do teor político e prático da educação proposta por Freire:

[...] a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político. Paulo Freire reafirma a necessidade de que educadores e educandos se posicionem criticamente ao vivenciarem a educação, superando as posturas ingênuas ou ‘astutas’, negando de vez a pretensa neutralidade da educação. Projeto comum e tarefa solidária de educandos e educadores, a educação deve ser vivenciada como uma prática concreta de libertação e de construção da história.

Educandos e educadores teriam a necessidade de se posicionar de modo crítico ao “vivenciarem” a educação, com o objetivo de superar as posturas “ingênuas” ou “astutas” e de, por isso, negar a neutralidade da educação. Portanto, existiriam posturas ingênuas ou astutas e uma visão de neutralidade na prática educacional, as quais deveriam ser superadas por uma postura crítica. A educação deveria ser uma prática cuja finalidade seria libertar e construir a história.

Ernani Maria Fiori (2003, p.11) reforça as interpretações anteriores e faz alguns acréscimos:

O método de Paulo Freire é, fundamentalmente, um método de cultura popular: conscientiza e politiza. Não absorve o político no pedagógico, mas também não põe inimizade entre educação e política. [...]. Não tem a ingenuidade de supor que a educação, só ela, decidirá os rumos da história, mas tem, contudo, a coragem suficiente para afirmar que a educação verdadeira conscientiza as contradições do mundo humano, sejam estruturais, superestruturais ou interestruturais [...].

Paulo Freire possuiria um método, o qual seria, em seus fundamentos, um “método de cultura popular”. Este método “conscientizaria” e “politizaria”. Ele não resumiria o pedagógico ao político, mas não colocaria inimizade entre educação e política. Não acreditaria que somente a educação é que decide os “rumos da história”. No entanto, afirmaria

que a educação verdadeira “conscientiza” as “contradições do mundo humano”. Assim, o método freireano teria como um de seus pressupostos a convicção acerca da existência de contradições no âmbito humano, as quais a educação verdadeira “conscientizaria”.

Em todos os exemplos citados acima, nota-se a convicção de que a pedagogia ou teoria educacional de Paulo Freire conduz a posturas políticas, à ação na sociedade com o intuito de modificá-la, de alterá-la em suas estruturas, ou seja, à prática “libertadora” de transformação da realidade social.

Finalizado este estudo introdutório da obra de Paulo Freire, podemos afirmar que esse autor apresenta em seus trabalhos duas definições de educação: uma geral e outra específica. A definição geral se aplicaria a qualquer tipo de educação; a definição específica diria respeito à proposta educacional do próprio Freire.

A definição geral de educação apresentada por Paulo Freire pode ser escrita com as seguintes palavras: *educação é uma concepção filosófica e/ou científica acerca do conhecimento colocada em prática*. A teoria do conhecimento freireana, por sua vez, pode ser sintetizada assim: *o conhecimento é um processo social criado por meio da ação-reflexão transformadora dos humanos sobre a realidade*. Já a definição específica de educação defendida por Paulo Freire pode ser expressa nos seguintes termos: *educação é o processo constante de criação do conhecimento e de busca da transformação-reinvenção da realidade pela ação-reflexão humana*.

Paulo Freire acreditava na existência de duas espécies gerais de educação: a educação dominadora e a educação libertadora. Ambas seriam teorias do conhecimento colocadas em prática, mas a primeira (dominadora) estaria a serviço das classes dominantes, e a segunda (libertadora) estaria a serviço da libertação das classes dominadas. A proposta educacional de Paulo Freire, a sua concepção de educação como processo constante de criação do conhecimento e de busca da transformação-reinvenção da realidade pela ação-reflexão humana, seria uma concepção libertadora de educação, pois a educação domesticadora seria mero ato de transferência de conhecimento e de descrição da realidade, enquanto que a educação libertadora seria ato de criação do conhecimento e método de ação-reflexão para a transformação-reinvenção da realidade. Portanto, os textos de Paulo Freire, como expressão da educação libertadora, teriam a finalidade de criar o conhecimento e de transformar-

reinventar a realidade por meio da ação-reflexão do próprio Freire, da qual os textos seriam manifestação.

Por isso, a continuação dos estudos acerca da proposta educacional de Paulo Freire exige que sejam buscadas as respostas às seguintes perguntas: Como se dá o processo social chamado conhecimento? O conhecimento que Freire possuía sobre o conhecimento e sobre a educação eram processos sociais de que modo? Que ação-reflexão transformadora de Paulo Freire sobre a realidade fez surgir o conhecimento dele sobre a educação e sobre o próprio conhecimento? O que significa criação do conhecimento? Em que sentido se deve buscar a transformação-reinvenção da realidade por meio da ação-reflexão humana? De que modo a educação dominadora domina e a educação libertadora liberta? O que são as classes dominantes e as classes dominadas? Como dominam e como são dominadas, respectivamente? No que consiste o método de ação-reflexão para a transformação-reinvenção da realidade?

REFERÊNCIAS

FERRATER MORA, José. **Diccionario de Filosofía**. Buenos Aires: Sudamericana/Montecasino, 1964.

FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. Arquivo PDF. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf%5Cpedagogia_do_oprimido.pdf. Acesso em: 02 de julho de 2013.

FREIRE, Paulo. A alfabetização de adultos: crítica de sua visão ingênua; compreensão de sua visão crítica. In: **Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. Arquivo PDF. Disponível em: http://comunidades.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/A%C3%A7%C3%A3o_Cultural_para_a_Liberdade.pdf. Acesso em: 02 de julho de 2013.

_____. Algumas notas sobre conscientização. In: **Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. Arquivo PDF. Disponível em: http://comunidades.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/A%C3%A7%C3%A3o_Cultural_para_a_Liberdade.pdf. Acesso em: 02 de julho de 2013.

_____. Algumas notas sobre humanização e suas implicações pedagógicas. In: **Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. Arquivo PDF. Disponível em: http://comunidades.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/A%C3%A7%C3%A3o_Cultural_para_a_Liberdade.pdf. Acesso em: 02 de julho de 2013.

_____. Conscientização e libertação: uma conversa com Paulo Freire. In: **Ação Cultural para a Liberdade:** e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. Arquivo PDF. Disponível em: http://comunidades.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/A%C3%A7%C3%A3o_Cultural_para_a_Liberdade.pdf. Acesso em: 02 de julho de 2013.

_____. De falar ao educando a falar a ele e com ele... In: **Professora Sim, Tia Não:** cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 2004. Arquivo PDF. Disponível em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/23184627/512753443/name/Paulo+Freire+-+Professora+sim+,+Tia+n%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 02 de julho de 2013.

_____. Desafios da educação de adultos ante a nova reestruturação tecnológica. In: **Pedagogia da Indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2003. Arquivo PDF. Disponível em: http://comunidades.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia_da_Indigna%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 02 de julho de 2013.

_____. Educação e esperança. In: **Pedagogia da Indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2003. Arquivo PDF. Disponível em: http://comunidades.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia_da_Indigna%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 02 de julho de 2013.

_____. Os camponeses e seus textos de leitura. In: **Ação Cultural para a Liberdade:** e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. Arquivo PDF. Disponível em: http://comunidades.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/A%C3%A7%C3%A3o_Cultural_para_a_Liberdade.pdf. Acesso em: 02 de julho de 2013.

_____. O papel educativo das Igrejas na América Latina. In: **Ação Cultural para a Liberdade:** e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. Arquivo PDF. Disponível em: http://comunidades.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/A%C3%A7%C3%A3o_Cultural_para_a_Liberdade.pdf. Acesso em: 02 de julho de 2013.

_____. O processo da alfabetização política: uma introdução. In: **Ação Cultural para a Liberdade:** e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. Arquivo PDF. Disponível em: http://comunidades.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/A%C3%A7%C3%A3o_Cultural_para_a_Liberdade.pdf. Acesso em: 02 de julho de 2013.

_____. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. [s.l.]: Sabotagem, 2006. Arquivo PDF. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_da_autonomia_-_paulofreire.pdf. Acesso em: 02 de julho de 2013.

_____. Primeiras Palavras. In: **Política e Educação:** ensaios. São Paulo: Cortez, 2003. Arquivo PDF. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_politica_e_educacao.pdf. Acesso em: 02 de julho de 2013.

GADOTTI, Moacir. Educação e Ordem Classista. In: FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. Arquivo PDF. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_educacao_e_mudanca.pdf. Acesso em: 02 de julho de 2013.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais**. São Paulo: Matese, 2008. Arquivo PDF. Disponível em: <http://portalconservador.com/livros/MFS-Dicionario-de-Filosofia-e-Ciencias-Culturais.pdf>. Acesso em: 02 de julho de 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 2003. Arquivo PDF. Disponível em: http://comunidades.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/A_import%C3%A2ncia_do_Ato_de_Ler.pdf. Acesso em: 02 de julho de 2013.

WEFFORT, Francisco C. Educação e Política: reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da liberdade. In: FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009. Arquivo PDF. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/livro_freire_educacao_pratica_liberdade.pdf. Acesso em: 02 de julho de 2013.